

Perguntaríamos, também, por que, na capa, estão citados os nomes de apenas seis dos colaboradores? Que juízo prevaleceu na escolha?

MARIA THEREZINHA JANINE RIBEIRO

* *
*

QUEIROZ (Maria Isaura Pereira). — *Os Cangaceiros*, tradução da Autora. São Paulo, Duas Cidades, 1977.

O livro *Os Cangaceiros* de Maria Isaura Pereira de Queiroz foi publicado originalmente em francês, sob o título *Os Cangaceiros, les bandits d'honneur brésiliens* em 1958. A maneira pela qual foi organizada a obra e o estilo claro de sua redação caracterizam as intensões da Autora em sua edição francesa. Trata-se de definir as várias formas de banditismo seja social, de sangue ou, puramente, banditismo — de maneira isolada ou sobrepostos uns aos outros — permitindo ao leitor estrangeiro não só apreender sua análise como também conhecer o material para pesquisas afins. Convém vincular a esta mesma linha de pensamento os trabalhos do conhecido historiador inglês Eric J. Hobsbawn, *Primitive Rebels*, publicado originalmente na Inglaterra em 1959. Através deste estudo poderemos obter informações sobre movimentos semelhantes desenvolvidos em outras sociedades cuja organização social poderia ser chamada de “pré-capitalista”.

Seguindo a narrativa da Autora podemos observar com que precisão se elabora a civilização do couro e dos reis do cangaço. E, assim, o quadro social se compõe em todos os seus detalhes o que nos permite *supor*, num primeiro momento, estar a Autora descrevendo as histórias “tal como se passaram”. Contudo, sua investigação não se confunde com os de uma historiografia *évènementielle*. Sua opção metodológica impede que o leitor embarque nas *memórias* seja de um Antônio Silvino, Lampião ou Corisco. A ruptura teórica se dá na medida em que se intercala depoimentos, por vezes contraditórios, à sua narrativa, para que afinal se permita apreender uma estrutura que está acima de mera descrição do personagem. Para isto utiliza-se de seu instrumental sociológico para procurar por detrás das motivações conscientes e das racionalizações dos indivíduos, as conjunturas sócio-econômicas específicas que lhes abrem e fecham certos caminhos.

Lampião, por exemplo, surge na obra apresentado por Antônio Silvino o qual afirma ser este um “Príncipe”, o que significa reunir riqueza, poder e ao mesmo tempo “ter uma boa estrela”. A este depoimento Maria Isaura contrapõe a sua origem de filho de fazendeiro que, como a grande maioria, estava envolvido em brigas familiares. Virgulino de 1920 a 1922 esteve vinculado ao bando de Sinhô Pereira, o qual lhe deixa como herança ao abandonar o grupo o dever de liquidar o seu cunhado João Nogueira e o comerciante Luiz Gonzaga. É nesta ocasião que assume a liderança do grupo. Por volta de 1926, Lampião recebeu um apelo do Padre Cícero no sentido de impedir que a massa

popular sertaneja apoiasse os revoltosos da Coluna Prestes. Partindo em busca dos combatentes, encontra um coronel seu amigo que o esclarece a respeito da Coluna Prestes e do documento que assinara! Havia sido enganado e o governo não o reconhecera como capitão e nem lhe daria anistia. Decepcionado, Lampião abandona imediatamente a perseguição à Coluna Prestes.

Em 1930, os governadores da Bahia, Sergipe e Pernambuco decidiram em comum acordo incrementar a perseguição a Lampião. No dia 7 de dezembro de 1932, ele foi atacado no Raso da Catarina fugindo rapidamente. Contudo, a polícia querendo por fim aos assaltos sofridos em fazendas e povoados decidiu atacá-lo. Em 1938, uma nova investida, o cabo João Bezerra do 2º Batalhão de Polícia, prendeu o comerciante Pedro Cândido do qual se suspeitava negociar com Lampião. Torturado, confessou as suas ligações com o rei do cangaço e onde poderia ser este encontrado.

Desta maneira a polícia pode arquitetar seguramente seu plano para a destruição do grupo. Acredita-se que tenham sido envenenados e, depois de mortos decapitados — muito embora Optato Gueiros tenha preferido explicar em seu livro a destruição do bando como uma questão do “destino”. Foram onze os cangaceiros mortos: Lampião, Maria Bonita, Luis Pedro, Caixa de Fósforos, Elétrico, Enedina, Mergulhão, Sexta-feira, Cajarana e um outro que não tendo sido identificado, foi chamado de “Desconhecido”.

As onze cabeças foram arrumadas na escadaria da igreja da matriz, na Praça do Monumento e ali ficaram expostas à curiosidade pública. De lá foram conduzidas para Maceió onde chegaram a 31 de julho e ficaram em exposição no quartel da polícia na Praça da Cadeia. Mais uma vez as cabeças dos mortos viajam para a Santa Casa de Misericórdia, sendo finalmente conduzidas para Salvador onde, mumificadas, passam para o acervo do Museu Nina Rodrigues, do Instituto Antropológico e Etnográfico da Bahia. Se a sociedade não pode aprisioná-los em vida confinou entretanto suas imagens heróicas às vitrines do museu para que o chapéu de couro, o Mosquetão, a Faca, a Cartucheira, os Bornais, o Lenço, a Pistola Parabellum e as cabeças mumificadas dos bandidos não lembrassem ao público que vinha admirá-las aquele tipo de organização social que estava fora do controle dos fazendeiros, da igreja-revestida em seu personagem, Padre Cícero — e da própria repressão armada que incapaz de aprisioná-los vivos tiveram a necessidade de confiná-los depois de mortos a todas as instituições repressoras sem exceção: *escadarias da igreja na Praça, quartel de polícia, Santa Casa com toda sua Misericórdia* e, principalmente no museu para que nenhum destes dados de civilização material pudessem lembrar a vida e a liberdade. No acervo que levava o nome de um antropólogo defensor da superioridade da raça branca, Nina Rodrigues, *institucionalizava-se o discurso “científico” da repressão.*